



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**

FELIPE RODRIGUES DE ARAUJO

A MÃE DA ESPERANÇA:

IRMÃ LUCIANA E A MEMÓRIA DE PRÁTICAS DE SAÚDE EM ESPERANÇA-PB

(1965 – 2017)

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2019

FELIPE RODRIGUES DE ARAUJO

A MÃE DA ESPERANÇA: IRMÃ LUCIANA E A MEMÓRIA DE PRÁTICAS DE SAÚDE EM
ESPERANÇA-PB (1965-2017)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado
a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
História da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de graduação em
História.

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663m Araujo, Felipe Rodrigues de.

A mãe da esperança [manuscrito] : Irmã Luciana e a memória de práticas de saúde em Esperança-PB (1965 – 2017) / Felipe Rodrigues de Araujo. - 2019. 28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão , Departamento de História - CEDUC."

1. Maternidade. 2. Memória cultural. 3. Feminismo. 4. Direito das mulheres. I. Título

21. ed. CDD 920.009

FELIPE RODRIGUES DE ARAUJO

A MÃE DA ESPERANÇA:

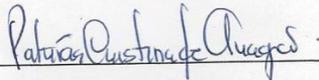
IRMÃ LUCIANA E A MEMÓRIA DE PRÁTICAS DE SAÚDE EM ESPERANÇA-PB

(1965 – 2017)

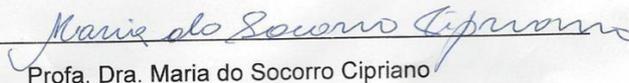
Artigo aprovado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
História, da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado em: 17/06/2019

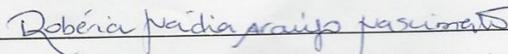
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
(Orientadora)



Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano
(Examinadora)



Profa. Dra. Roberia Nádia Araújo Nascimento
(Examinadora)

Dedico este artigo as minhas amadas filha e esposa, Clara
Morgana e Karla Geovana

Você será diferente.
Às vezes, você se sentirá rejeitado.
Mas nunca estará só.
Você fara da minha força a sua.
Você verá minha vida através dos seus olhos...
Assim como a sua será vista através dos meus.
O filho transforma-se no pai... e o pai se
transforma no filho.

(Superman, O retorno)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. MEMÓRIA E CULTURA: TECENDO HISTÓRIAS	6
3. NA LUTA E RESISTÊNCIA: TRAJETOS HISTÓRICOS DA IRMÃ LUCIANA.....	9
4. ENTRE MEMÓRIA E PRÁTICAS DE SAÚDE: CASA DE SAÚDE E MATERNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS	21

Lista de Figuras

Figura 1: Manifestação contra o fechamento da maternidade.....	8
Figura 2: Primeiras assistentes de enfermagem e parteiras formadas pela Irmã Luciana.....	12
Figura 3: Sala de parto da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis.....	15
Figura 4: Visão de entrada da Casa de Saúde e maternidade São Francisco de Assis na sua inauguração	16

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar de que modo a construção da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis através das ações da Irmã Luciana, Maria Catarina Gerarda Von Den Eiden, contribuíram para as práticas em saúde, a memória e a cultura da cidade de Esperança -PB. Para isso buscaremos fazer uma discussão no campo da História Cultural a partir das abordagens sobre memória, cultura e gênero onde transitaremos principalmente entre os trabalhos de Halbwach (1990), LeGoff (1977), Pollak (1989), Barros (2005), Rago (1985) e Cunha (2000). A abordagem metodológica desta pesquisa centra-se numa pesquisa bibliográfica e documental, cujas fontes utilizadas foram imagens fotográficas e matérias jornalísticas. Analisaremos ainda os discursos higienistas que trouxeram as maternidades enquanto instituições para as cidades brasileiras, carregando como justificativa a melhora nas condições de vida das mulheres brasileiras e como na verdade esses discursos eram extremamente capciosos e ao passo que queriam melhorar as formas das mulheres se tornarem mães, afirmavam que essa era sua missão natural, sagrada e única. Dividindo assim as concepções dos feminismos sobre apoiar ou condenar a chegada das maternidades, os que apoiavam viam nessas instituições um importante passo em direção aos direitos das mulheres, enquanto os que a condenavam enxergavam um grande demarcador de espaços para as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Memória Cultural. Feminismo. Direito das Mulheres.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the construction of the Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis (House of Health and Maternity San Francisco of Assisi) through the actions of Sister Luciana, Maria Catarina Gerarda Von Den Eiden, contributed to the practices in health, memory and culture of the city of Esperança PB. In order to do this we will seek to make a discussion in the field of Cultural History based on the approaches on memory, culture and gender, where we will mainly transit between the works of Halbwach (1990), LeGoff (1977), Pollak (1989), Barros (2005), Rago (1985) and Cunha (2000). The methodological approach of this research focuses on a bibliographical and documental, whose sources used were photographic images and journalistic materials. We will also analyze the hygienist discourses that brought maternity hospitals as institutions for Brazilian cities, bearing as a justification the improvement in the living conditions of Brazilian women and, as a matter of fact, these discourses were extremely captious and, while they wanted to improve women's ways of becoming mothers, affirmed that this was their natural, sacred and unique mission. Dividing the conceptions of feminism about supporting or condemning the arrival of maternity wards, the supporters saw in these institutions an important step towards women's rights, while those who condemned it saw a great demarcation of spaces for women.

KEY WORDS: Maternity. Cultural memory. Feminism. Women's right.

1. INTRODUÇÃO

Quando presenciei o acontecimento mais importante da minha vida pessoal, o nascimento da minha filha, quis trazê-lo de alguma forma para minha vida acadêmica e fico feliz em dizer que pude conciliar em um mesmo tema esse desejo com o de abordar a trajetória da Irmã Luciana na cidade de Esperança - PB e a construção da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis pelas suas ações e liderança. Esses dois assuntos se identificam pois tivemos a honra de ter conhecido uma das enfermeiras formadas pela Irmã Luciana durante os anos de funcionamento da maternidade, Neidja, quem realizou o parto da pequena Morgana, minha filha.

Este estudo versa sobre a trajetória da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis cuja sua fundadora Irmã Luciana, foi fundamental, nas mudanças introduzidas nas práticas de saúde na cidade de Esperança-PB. A atuação desta mulher, a partir da maternidade foi importante para memória e da cultura local, sendo assim questões importantes para a história da cidade, tendo em vista que as ações da Irmã por meio da maternidade remodelaram a vida da localidade por gerações. É habitual que a maternidade esteja nos temas de conversa dos vários grupos da cidade, mesmo em meio aos jovens que não tiveram contato com o seu pleno funcionamento nota-se uma nostalgia ao falar sobre o lugar e o desejo de vê-la de portas abertas.

No entanto quanto aqueles que detêm o poder local é nítido que a maternidade é somente um fantoche político para que se cumpram suas necessidades, seja para conseguir algo ou para usar no jogo entre as oligarquias que dominam a cidade. Para corroborar minha afirmação, eis que quando a maternidade foi fechada correspondeu a retomada do poder da oligarquia Monteiro¹, que tinha interesse em fechá-la pois quando a oligarquia Almeida esteve no poder fez vastos investimentos na instituição, fazendo com que sua popularidade subisse.

Na eleição seguinte ao fechamento da maternidade, o candidato da oligarquia Almeida fez da promessa de reabertura do local sua principal proposta de governo e

¹ “A Casa de Saúde ficou à mercê da malícia e descaso dos políticos, sofrendo as agruras da politicagem improdutiva.”

Blog Revivendo a Esperança, 2013. (Autor desconhecido) Link:

<http://revivendoesperancapb.blogspot.com/2013/08/o-sonho-da-casa-de-saude-e-maternidade.html?m=1>

foi como conseguiu se reeleger, mas claramente assim que assumiu o cargo não mais foi falado sobre a maternidade.

Evidenciando o que Pollak (2000) aborda ao falar que as memórias subterrâneas só são evocadas quando se mostram necessárias aos detentores do poder e são logo em seguida abandonadas para viverem apenas na memória que o povo constrói, mas isso em hipótese alguma diminui o valor dessas memórias. Mesmo se opondo à memória oficial essas lembranças continuarão sendo transmitidas no âmbito particular, nas conexões sociais e afetivas, mantendo-as vivas e vívidas.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações [...] A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 07)

Assim, convocamos os testemunhos para revigorar e agregar à eventos que já conhecemos, mas que ainda não nos são claros por inteiro. Somos afinal a primeira testemunha a qual recorreremos, as demais testemunhas se transformam em uma parte de nossas próprias lembranças as quais não nos recordávamos até então, formamos deste modo a memória, a partir de um conjunto de lembranças que apesar de não serem completamente iguais se reconhecem o suficiente para se identificarem como pertencentes a um mesmo espaço.

Necessitamos evocar as testemunhas, e mais de uma delas, para que tenhamos convicção sobre a memória a qual estamos descrevendo. É como se não fosse suficiente que uma lembrança seja rememorada apenas por uma pessoa, é ideal que ela seja revivida por várias pessoas, para que a memória possa ser construída acerca de vários fragmentos de lembranças.

Então você se questiona: “mas e quanto às lembranças dos momentos os quais vivi estando sozinho(a)?”, a verdade sobre esse questionamento é que nunca estamos sozinhos, pois estamos preenchidos por todas as pessoas que estivemos juntos anteriormente e pelas histórias que lemos ou situações que observamos.

Halbwach (1990) exemplifica isso perfeitamente quando aborda uma viagem que primeiramente esteja sendo realizada por diferentes amigos e segundo suas próprias vivências cada um me chamasse atenção para algo específico da paisagem a qual estamos passando, um historiador me chamaria atenção para as épocas em que determinado prédio foi construído e quais foram os acontecimentos notáveis que lá ocorreram, um arquiteto me falaria sobre a disposição do mesmo prédio e suas proporções, já um pintor me diria o método usado para pintá-lo e sobre as tonalidades escolhidas.

E quando futuramente eu fizesse uma viagem sozinho me lembraria das afirmações feitas por eles e olharia para a paisagem a minha frente e a vivenciaria segundo as suas considerações, logo, eu não estaria criando uma lembrança solitária pois ao analisar os lugares pelos quais passei em meus pensamentos tinha presente os pontos de vistas desse ou daquele grupo. Eles construíram essas lembranças comigo no momento em que evoquei suas formas de pensar, produzindo uma recordação que não é só minha pois eu não teria conseguido formá-la sozinho. (HALBWACH, 1990)

E ainda durante a transmissão de lembranças além de construir memória estamos também construindo cultura e os que recebem estão também produzindo cultura. Cada um recria a lembrança que lhe foi transmitida de modo diferente, de acordo com suas vivências e recordando as pessoas que carregam em si. (BARROS, 2005)

Analisaremos a escolha da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis e da freira Irmã Luciana como representantes da memória e cultura local por parte do povo esperancense, procurando discutir o contexto histórico no qual a maternidade foi estabelecida na cidade e o modo como isso marcou a população esperancense ao ponto de a Irmã Luciana ser considerada como a “mãe da pobreza esperancense”.²

² Termo utilizado inicialmente pela jornalista esperancense Fabrinia Almeida. Link:

Investigamos como um lugar por vezes apontado como frio, solitário e tecnicista, como são as salas de uma maternidade pôde atingir um local de tão grande importância no sentimento de um povo, lugar que geralmente é apontado como portador de morte e odor de medo é aqui visto como um olhar de misericórdia³.

Esse artigo está dividido em 3 seções: Memória e cultura: tecendo histórias, na luta e resistência: trajetórias históricas da Irmã Luciana, entre memória e práticas de saúde: Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis. Na primeira seção será feita uma discussão sobre a construção da memória e da cultura e como ambas se constroem mutuamente, enquanto na segunda seção discutiremos sobre a luta da Irmã Luciana, o quanto ela foi inovadora à época e que o panorama brasileiro de lutas feministas dava apoio ao seu projeto, assim como a Igreja Católica que defendia a luta pelos direitos femininos e buscava uma maior proximidade com o povo. Já na terceira seção falaremos sobre a chegada das maternidades enquanto instituições no Brasil incentivadas pelos discursos Higienistas e a chegada de uma maternidade em Esperança-PB.

<https://medium.com/@fabriniaalmeida/irm%C3%A3s-holandesas-franciscanas-55-anos-das-m%C3%A3es-da-pobreza-esperancense-cb3263d4dc5f>

³ Expressão usada, inclusive, em um dos cartazes na manifestação contra o fechamento da maternidade. (Ver fotografia 1)

2. MEMÓRIA E CULTURA: TECENDO HISTÓRIAS.

A memória é inicialmente as funções psíquicas que tem como função armazenar as informações que adquirimos ao longo de nossas vidas, mas a memória se mostra mais que isso, mais que um simples armazenador de informações que você pode ou não consultar apenas quando sentir que é necessário.

A memória é a história em movimento, é a história em cada um de nós, a história que nós escolhemos para nos representar mesmo que não seja considerada oficial, é a nossa história, a nossa memória, aquela que passaremos para nossos filhos e amigos, e pediremos para que esses repassem para que ela não seja esquecida em meio aos monumentos que não nos simbolizam. É dessa forma que construímos nossa identidade, seja individual ou coletiva, sem deixar que nos ditem o que deve ser lembrado ou o que deve ser esquecido.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1977, P.477)

A nova História Cultural, enquanto campo teórico, que se tornou possível com a chegada da historiografia moderna, incorporou aquilo que o povo escolhe como representação mesmo que não esteja oficialmente reconhecido como cultura de um determinado local. Estamos todos produzindo cultura, mesmo que não sejamos escritores ou pensadores, inclusive ao nos comunicarmos estamos gerando cultura.

A memória e a cultura estão articuladas se construindo mutuamente e se apoiando uma na outra, essencialmente aquela memória que não é reconhecida oficialmente, que não está nos livros didáticos, sendo abordado nas salas de aula, mas está sendo semeada pelo povo que é o grande protagonista da história, da memória e da cultura.

Na nossa experiência de vida somos seres produtores de cultura, uma mãe esperancense que conta aos seus filhos sua experiência quando dos seus nascimentos na maternidade e do papel da Irmã Luciana nesses acontecimentos estará produzindo cultura, mas para além disso, ao ouvirem isso seus filhos também estarão gerando cultura, e cada um deles formará cultura de uma forma diferente pois suas vivências são distintas, logo o significado dessa memória é singular para cada um deles.

A isso Barros chama “competência textual”, a ação de interpretar que se recebe de uma forma diferente de acordo com suas especificidades e aprendizados, “aqui [...] evocamos com o fito de destacar a complexidade que envolve qualquer prática cultural (e elas são de número indefinido).” (BARROS, 2005, p.128)

Progressivamente são notados mais agentes do reconhecimento dessa cultura⁴ mais popular e abrangente, indo contra as perspectivas monolíticas da cultura, enquanto recriminam a arrogância de se estabelecer limites ao que deve ser considerado cultura visto que essa delimitação faria com que a cultura ficasse restrita à um grupo social particular e suas formas culturais específicas.

Evidenciando que a cultura não se resume a escrita de um livro ou na criação de uma obra de arte, mas também no modo como a sociedade age perante cada situação rotineira. Quando as lembranças e os testemunhos não nos são suficientes, ou mesmo para reforçá-los, usamos as fotografias para dar sustentação as memórias que buscamos construir, essas que já foram consideradas durante muito tempo como provas irrefutáveis e espelho armazenador de realidade nos servem para lembrar ou mesmo comprovar acontecimentos pelos quais passamos ou os quais estamos buscando saber sobre. Mesmo das lembranças que nos recordamos com clareza geralmente nos voltamos às fotografias para ajudar a imprimi-las, contá-las e revivê-las, pois ela se estabelece como elaboração do vivido.

Apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias. Em ambos os casos é a marca da existência das pessoas conhecidas e dos fatos ocorridos, que salta aos olhos e nos faz indicar na foto recém-chegada da revelação: “Olha só como ele cresceu!” (MAUAD, 1996, p. 77)

As fotografias nos fazem por vezes perceber como as mudanças são marcantes, de maneira que não conseguiríamos descrever apenas com as palavras, por exemplo como uma cidade era diferente antes da chegada de determinadas construções e como essas puderam construir um significado além de suas funções previamente determinadas e atingir o campo afetivo, seja para bem ou para mal⁵.

⁴ Como Roger Chartier e Michel de Certeau, por exemplo.

⁵ Como por exemplo quando uma população reage de forma negativa a chegada de uma indústria a cidade por vê-la como explorada de seus recursos sem ver um retorno equivalente.

Figura 1 Manifestação contra o fechamento da maternidade.



Foto: Moisés Fabrício, 2015.

Assim vemos que a fotografia acima é um forte instrumento na construção da memória acerca da Irmã Luciana e da maternidade na cidade de Esperança-PB, não uma foto da freira ou da instituição, mas uma foto do sentimento que o povo tem para com essa mulher e com esse local, sentimentos de amor e dívida e também a construção de um ressentimento pelos detentores do poder que, notamos por meio de conversas informais, sempre irá acompanhar os discursos sobre a bondade da Irmã e a importância da maternidade.

3. NA LUTA E RESISTÊNCIA: TRAJETOS HISTÓRICOS DA IRMÃ LUCIANA.

Nesta sessão nossa reflexão é em torno da trajetória profissional de irmã Luciana e suas ações para a construção da maternidade na cidade. Para compreendermos a trajetória de luta da freira Luciana, na luta por prática de saúde em Esperança-PB.

Aclamada e amada pelas conquistas que trouxe à Esperança, a Irmã Luciana apoiou-se ao mesmo tempo que se opôs aos discursos higienistas do século XX, simultaneamente ela alicerçava a necessidade da construção de uma maternidade para que a cidade fosse considerada higienizada e moderna e contrapunha os idealizadores desse mesmo discurso somente de estar nessa luta, principalmente a liderando, posto que juntamente com as afirmações da necessidade de uma sociedade mais higienizada era declarado que o lugar da mulher era em casa, e sua função primordial era ser mãe.

Mesmo contra o que diziam os padrões da época Maria Catarina Gerarda Von Den Eiden decidiu que não se casaria, ou teria filhos nascidos de seu ventre, ela decidiu abraçar exatamente o que a Igreja pregava a mulher-mãe-virgem isenta dos pecados da conjunção carnal e se tornou Irmã Luciana. Segundo os médicos a maternidade era algo intrínseco à natureza feminina, sendo assim mesmo as mulheres que não dessem à luz seriam mães, senão na prática seriam mães espiritualmente, e foi nisso que a Irmã Luciana se transfigurou, a mãe de toda uma população que a amava e exaltava como tal.

Mas não era somente a Irmã Luciana que buscava romper as ideias disseminadas de que a mulher era um ser frágil e submisso, no século XX em todo o Brasil houve uma busca pela contraposição dessa ideologia por algumas mulheres. Umas motivadas pela paixão outras pela ousadia tinham o desejo em comum de se libertar dos padrões que as cercavam, a necessidade dessa libertação já ia de encontro com a afirmação de docilidade e aceitação atribuída às mulheres, era aos poucos que elas iam rompendo com os preconceitos e os costumes da época.

Para a mulher deste período, recusar o casamento, a maternidade, a família e manifestar independência, era uma atitude essencialmente estranha àquela sociedade. A transgressão pela mulher do papel que

Ihe era destinado não significava, aos olhos da Medicina Social, apenas um rompimento das normas sociais, mas sim uma violação da própria natureza. (CUNHA, 2000, p. 146)

À primeira vista as freiras eram indultadas da recusa ao casamento pois entendia-se que a busca por Deus era digna, além de ressaltar a imagem da mulher imaculada e livre da luxúria. Porém isso não as libertava das demais limitações impostas às mulheres, principalmente da submissão, não se esperava ver uma mulher liderando a busca pela construção de uma maternidade, menos ainda a liderando após sua construção, mesmo que ela fosse uma freira, esse não era o papel que lhe fora atribuído.

As mulheres estavam chegando aos poucos na esfera do protagonismo, ganhando um espaço que até pouco tempo era exclusivo dos homens e transformando sua realidade. Corroborando esse progresso na posição das mulheres na sociedade brasileira, Rago (1985) escreveu sobre o empenho dedicado contra as declarações de poder que trouxeram percepções e experiências próprias, fazendo com que as mulheres se tornassem sujeitos sociais.

Desde 1960 profundas mudanças ocorriam no cenário brasileiro e muitas dessas mudanças estavam atreladas as mulheres e ao feminismo. As mudanças vinham desde a minissaia até a presença das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho. No entanto essas modificações não chegaram igualmente para todas as mulheres, as jovens de classe média satisfizeram seus desejos de liberdade perante as suas famílias e puderam traçar seus destinos segundo suas próprias vontades.

As jovens mulheres de famílias abastadas puderam desenhar seus destinos e satisfazer seus desejos, porém essas mudanças vieram de forma diferente para a população pobre feminina do Brasil, pois a forte hierarquia cuidou de limitar as mulheres pertencentes as camadas mais baixas da sociedade enquanto ajudava a impulsionar a outra.

A presença das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades deu embasamento para surgirem as primeiras pesquisas abordando as circunstâncias pelas quais passavam as brasileiras àquela época. Como resultado dessas pesquisas⁶

⁶ Evidenciando o trabalho de Heleieth Saffioti, realizado em 1962.

foi evidenciado que seus principais âmbitos de trabalho eram a indústria têxtil e a docência infantil. No entanto tínhamos em Esperança-PB uma mulher que decidiu dar um grande passo nesse mercado de trabalho que ainda era dominado pelos homens, principalmente nos cargos de maior importância.

Em Esperança – PB, a atuação da irmã Luciana e sua luta pela melhoria do serviço público de atendimento as mulheres gestantes, sobretudo, na criação de uma maternidade, foi um grande passo, num contexto em que o mercado de trabalho ainda era dominado pelos homens, principalmente nos cargos de maior importância, em unidades de saúde na época.

Formada em enfermagem, ainda na Holanda, seu país de nascimento, Irmã Luciana veio para a cidade Esperança com a missão de ajudar os pobres da melhor forma que conseguisse, atendendo aos doentes inicialmente em uma pequena sala cedida pela paróquia da cidade, não deixou que seu desejo de ajudar essa população finalizassem aí.

Após a abertura da maternidade⁷ ela assumiu a liderança da instituição, onde outras três freiras holandesas também trabalhavam, logo ela começou a formação de mulheres da população esperancense como ajudantes de enfermagem e parteiras⁸. Na imagem abaixo, a equipe que atendia na maternidade.

⁷ A Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis era inicialmente financiada pelo governo da Holanda e pela Igreja Católica, sem parcerias com a prefeitura municipal de Esperança. ⁸ A excelência das parteiras formadas pela Irmã Luciana é reconhecida até hoje, não somente em Esperança, mas também em cidades vizinhas, como Campina Grande.

Figura 2: Primeiras assistentes de enfermagem e parteiras formadas pela Irmã Luciana.



Acervo pessoal da Irmã Luciana, década de 1960.

O propósito da Irmã Luciana estava embasado pelas fortes mudanças que a Igreja Católica vinha passando no mundo e em todo o Brasil⁸ surgiam associações pastorais femininas com o intuito de alfabetizar e profissionalizar. Dessa forma a Igreja Católica teve um grande papel na luta feminina no Brasil, buscando politizar as mulheres e alcançar seus direitos sociais, mas sem deixar de afirmar e reforçar seu papel de mãe e esposa.

Mesmo diante de tantas mudanças e lutas os estereótipos continuam cercando a vida das mulheres e seus projetos, principalmente àquela época buscava-se enrijecer a condição subalterna da mulher perante os homens e que não deveria se esperar muito dos trabalhos exercidos por mulheres. Assim foi também com a Irmã Luciana que mesmo tendo sua importância evidenciada por toda uma população, por ser uma grande mulher, a qual essa mesma população fica feliz em mostrar respeito, gratidão e dívida, em pequenos trabalhos escritos acerca da fundação é o padre em exercício na cidade quem é apontado como grande líder da maternidade quando a Irmã não é nem mesmo citada. Evidenciando que até hoje o estereótipo ainda é demarcador das relações, mesmo diante de todo o clamor de um povo.

⁸ O Concílio Vaticano II (1962-1965) trabalhou em cima de uma visão da Igreja como uma “congregação de fé”, enfatizando sua responsabilidade social e sancionando oficialmente uma atmosfera de abertura e mudança, modificando os padrões de autoridade dentro da Igreja e aproximando-se da realidade dos/as fiéis.

4. ENTRE MEMÓRIA E PRÁTICAS DE SAÚDE: CASA DE SAÚDE E MATERNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Antes de iniciarmos nossa abordagem sobre maternidade vamos tomar emprestado uma análise que Thebaud⁹ (1986, apud COVA, 2005, p. 164) faz quando conceitua a palavra maternidade. O autor nos mostra que a palavra maternidade possui quatro sentidos principais: o primeiro diz respeito a qualidade de ser mãe, um estado; depois uma função reprodutiva, a atribuição de perpetuar a raça; ainda a maternidade enquanto arte; e finalmente um estabelecimento hospitalar onde são realizados partos.

Principalmente dois desses significados são relevantes para essa discussão, o da maternidade enquanto a função de ter filhos para perpetuar a raça, pois junto com a ascensão da maternidade instituição estava em grande evidência os discursos acerca da missão feminina de ter filhos, pois a natureza lhes havia entregue esse papel. O maior equívoco deste tipo de percepção foi construir a ideia de que ser mãe era a única função da mulher, restringindo o lugar feminino ao espaço do privado e da maternidade, principalmente porque ao redor desses discursos tínhamos mulheres transportando ideias de liberdade e independência.

E enfim a definição da maternidade como um local para as mulheres terem seus filhos. Já desde o final do século XIX os médicos brasileiros acusavam o Estado de tratar com negligência as questões a respeito da maternidade e da infância, mas é somente nas primeiras décadas do século XX que a puericultura¹⁰ passa a se tornar corriqueira no país.

No entanto, assim como a fala dos médicos era ardilosa as políticas públicas baseadas nessas falas também o eram, pois à primeira vista o discurso maternalista se apresentava como defensor do direito das mulheres. E sim, tratava-se de uma valorização da mulher, mas não da mulher enquanto cidadã, somente da sua função de progenitora. Por isso houve discordância entre as ideias feministas acerca da visão sobre a maternidade ser ou não uma aliada na busca por seus direitos.

⁹ Discussão encontrada em *Quand nos grand-mères donnaient la vie: la maternité en France dans l'entre-deux-guerres*. (Quando nossas avós deram a vida: a maternidade na França no período entre guerras.)

¹⁰ Um importante acompanhamento médico realizado por pediatra, a puericultura visa proteger o paciente contra algum agravo que possa interferir em seu desenvolvimento físico e mental, é voltado para os primeiros anos de vida das crianças.

Foram elaborados duas perspectivas sobre o papel da maternidade pelas correntes feministas da época: o feminismo de primeira onda¹¹ viu na maternidade uma aliada na busca pelos direitos das mulheres, já os de segunda onda se opôs as imposições higienistas e da puericultura, considerando que era mais uma forma de ditar regras que as mulheres teriam de seguir. Mesmo assim as vozes que defendiam medidas a favor das mães foram mais fortes, não necessariamente feministas, mas em grande parte mulheres pertencentes a grupos católicos que queriam exercer sua missão social e bíblica, de serem mães.

Os discursos Higienistas encontravam apoio no catolicismo principalmente porque muito dessas ideias atribuíam às mulheres a preservação da família e da moral cristã e as concebia como portadoras da pureza, da bondade e da submissão. Novamente vemos a dualidade nas falas higienistas pois enquanto aproximavam as mulheres das convicções católicas as afastavam dos espaços de protagonismo social.

Mas externamente à um discurso que privava a mulher de certos lugares sociais, as manifestações Higienistas tratavam de assegurar certas comodidades para que as mulheres pudessem cumprir sua função divina de serem mães, tendo como grande representante de seus ideais a construção de maternidades, assegurando que somente assim as cidades seriam consideradas modernas e higienizadas.

¹¹ A primeira onda do feminismo refere-se a um período de atividade feminista durante o século XIX e início do século XX em todo o mundo, este movimento dedicou-se sobre questões jurídicas, principalmente na conquista do direito ao voto feminino. Enquanto os de segunda onda do feminismo é um período de atividade feminista que começou na década de 1960 e ampliou o debate para uma ampla gama de questões: sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, entre outros.

Figura 3: Sala de parto da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis.



Acervo pessoal da Irmã Luciana, 1965.

Para que as maternidades fossem aceitas com mais naturalidade pela população os discursos se focaram em afirmar que as parteiras eram inferiores aos médicos, isto fez com que esses últimos fossem reconhecidos como detentores da sabedoria acerca dos corpos, suas doenças e complicações, em detrimento das parteiras que não tinham estudos e não podiam oferecer a segurança e higiene proporcionada pelos médicos.

Aos poucos as parteiras passaram a fazer parte do ambiente da maternidade, mas apenas, como ajudantes dos médicos e adquirindo uma posição subalterna nos cuidados com as grávidas, pois agiam de acordo com as orientações médicas, logo passaram a ser chamadas de assistentes para que não restasse dúvidas do papel delas dentro das salas de parto.

Mas para que as parteiras fossem aceitas como funcionárias da maternidade era necessário que fizessem um curso profissionalizante e após a formação passassem por um exame para que não houvessem mulheres trabalhando como parteiras sem ter sua capacidade provada perante uma instituição de credibilidade.

A partir dos cursos de formação as parteiras foram divididas em dois grupos no Brasil: as tituladas e as leigas. Agora com a presença de parteiras dentro das maternidades e com instrumentos para auxiliar na hora do parto, ter filhos em casa significava cada vez sinônimo de atraso¹².

O Nordeste foi a região do Brasil que mais se atrasou nas instalações das maternidades, pois, em 1959 quando as primeiras freiras chegaram da Holanda no município de Esperança as mulheres ainda sofriam tendo que ir para cidades vizinhas em busca de atendimento médico.

Foi após a chegada das irmãs que teve início os projetos acerca da construção da maternidade, que dividiria seu espaço com uma casa de saúde, pois também não haviam hospitais na cidade, e assim como as parturientes os doentes também precisavam se deslocar para as cidades vizinhas¹³, geralmente em carros alugados e por estradas em péssimas condições.

Finalmente depois de anos de construção, em 17 de janeiro de 1965, o sonho do povo esperancense se realizou e foi inaugurada no número 516 da Rua Monsenhor Manoel Palmeira, a Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis. Agora era Esperança que recebia os doentes e gestantes das cidades circunvizinhas, realizando partos, internações, consultas e cirurgias de pequeno e médio porte.

¹² A afirmação de que ter seus filhos em casa indicava o seu atraso também foi um dos discursos usados para atrair as mulheres para as Maternidades e afastá-las das parteiras ditas leigas.

¹³ As cidades de maior porte que possuíam hospitais e maternidades eram Areia e Campina Grande.

Figura 4: Visão da entrada da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis na sua inauguração.



Acervo pessoal da Irmã Luciana, 1965.

Irmã Luciana foi a gestora da fundação da data de sua abertura até o seu encerramento, mas mesmo após o fechamento da maternidade a Irmã fazia o que estava ao seu alcance para ajudar aqueles que necessitavam, como por exemplo fazendo doações de macas ou cadeiras de rodas para aqueles que não tem condição de comprar. As ações da Irmã estão fisicamente em ação na cidade de Esperança também pelas profissionais que foram formadas lá que ainda estão trabalhando no hospital da cidade.

Tive o prazer de ver uma dessas funcionárias que ainda estão em exercício em ação quando do nascimento de minha filha no Hospital Municipal de Esperança, Neidja foi quem acompanhou todo o processo e ela que devia ser a assistente ¹⁴ foi na verdade quem liderou desde os exames de toque até o momento de pegar a criança, o médico presente na unidade só esteve presente na sala uma única vez para avisar que seria melhor fazer uma transferência para a maternidade de Campina Grande.

Sugestão que foi rapidamente inibida pela enfermeira¹⁶ que afirmou não haver tempo, mostrando a todo tempo um conhecimento inegável e uma habilidade sem igual ela salientou que mesmo não estando dentro da maternidade que desperta tanto amor no povo esperancense ela a carrega consigo, afastando as ideias que se

¹⁴ Termo usado desde o início da participação das parteiras nas salas de parto nas maternidades.

¹⁶ Posteriormente a funcionária cursou enfermagem.

disseminam acerca de salas de parto comuns ela foi amável, atenciosa e paciente, trazendo paz e calma para um ambiente onde os sentimentos se misturam tão facilmente. Vi a dor em sua maior proporção, vi a angústia, o medo, a ansiedade e em meio a tantos sentimentos de desespero vi também a esperança, a felicidade e o amor em sua forma mais pura.

Portanto a obra da Irmã Luciana continua viva, seja na memória do povo ou nas ações que ela inspirou ou direcionou, sua luta jamais será esquecida por todos aqueles os quais ela ajudou. Uma mulher vinda de um outro país, sem nenhum contato prévio com a cidade, a adotou como sua e devotou sua vida por completo a satisfazer as necessidades de todos os que ela conseguia. Marcou todas as gerações com sua simplicidade, garra e luta, sem nunca se deixar abater pelas rejeições a Irmã Luciana militou até o fim de sua vida pela reabertura da maternidade, pois sabia que esse era o maior desejo da sua tão amada terra.

A maternidade vive! A Irmã Luciana vive! Enquanto houver Esperança haverá a memória sobre essa mulher guerreira que conquistou o amor de todos que a conheceram ou souberam de seus esforços, seja nos cuidados médicos, na assistência social, nos cuidados das famílias, na religiosidade do povo, ou nas conversas francas. Sua missão e seu exemplo serão lembrados para sempre.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos ao final de nossa pesquisa que uma parte notável da memória que cerca o povo esperancense em relação a maternidade é o ressentimento, pois mesmo se tratando de um amor inexplicável também é sobre rancor, rancor esse motivado pelas promessas vazias de reabertura da maternidade, por manterem uma esperança e até mesmo uma certeza de que verão seu sonho novamente realizado somente para ver sua confiança sendo despedaçada.

O que ocorre é aquilo que Gilberto Velho adverte como um misto entre o lembrar e o projetar, ao evocarem a memória da maternidade o povo esperancense ainda sente a necessidade de vê-la em pleno funcionamento, mesmo que profissionais da área afirmem que a reabertura da maternidade é completamente inviável seja pela verba, ou pela falta de necessidade já que tem um hospital em funcionamento que atende as necessidades da população, o povo prefere se agarrar na crença e na vontade á encarar a verdade dura de ter que se despedir da maternidade para que ela só permaneça em suas mentes e corações.

A memória é sem dúvida uma grande aliada do povo que tanto espera ver seu grande amor em seus melhores dias mais uma vez, a memória é realmente tudo o que lhes resta:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACH, 1990, p. 38-39)

Não há memória solitária, mesmo que estejamos a sós construímos memória em conjunto com outros grupos ou pessoas das quais nos recordamos enquanto criávamos nossa lembrança, isso serve para reiterar a necessidade do compartilhamento de lembradas na formação da memória coletiva já que nem mesmo

as lembranças construídas sem ninguém para dividi-las conosco não são completamente individuais.

E ainda durante a troca de lembranças além de construirmos memória construímos cultura, pois tanto o ato de transmitir as lembranças quanto o de as receber é entendido como cultura.

Compreendemos que uma instituição comum à maioria das cidades, dirigida por uma mulher religiosa vinda de um país distante constrói a memória e a cultura de uma cidade. Uma mulher notável, a frente de seu tempo que construiu uma devoção pela sua missão de ajudar o povo e como agradecimento esse povo a escolheu como mãe e representante de sua história, para além de monumentos e livros a Irmã Luciana está inscrita nos corações e nas lembranças do povo esperancense.

A cidade de Esperança conhecida como Lírio Verde do agreste paraibano, com seus aproximadamente 36 mil habitantes, encontrou na Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis e na sua grande líder, a Irmã Luciana, uma referência para sua cultura e memória e como um desses tantos habitantes me sinto satisfeito de ter tido a oportunidade de registrar o desejo da população esperancense de dar o devido reconhecimento à importância da maternidade e da Irmã para o povo, importância essa que está inscrita em várias gerações pelas ações da freira, auxiliando assim na construção da memória e cultura local.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **As gentis patrícias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 187205, abr./jun. 2013. Editora UFPR.

BARROS, J. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BARROS, J. **A história cultural francesa – caminhos de investigação**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2005 Vol. 2 Ano II nº 4 ISSN: 1807-6971.

COVA, Anne. **Où en est l'histoire de la maternité?** Clio: Histoire, Femmes, Sociétés, Toulouse, n. 21, p.189-211, 2005. Tradução de Marina Alves Amorim e Frederico Assis Cardoso.

CUNHA, M. F. **Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença**. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 141-161, out. 2000.

FARIAS, R. **As artes de fazer nascer: do parto doméstico ao parto hospitalar – o corpo feminino medicalizado (campina grande: 1950 – 1970)**. Dissertação (Pósgraduação em História)- Universidade Federal de Campina Grande. Paraíba, 2012.

GOMES, G. A. **História, Mulher e Gênero**.

HALBWACH, M. **La mémoire collective**. Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968. Tradução de Laurent Léon Schaffter.

LE GOFF, J.1924. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, A. P. **História da maternidade no Brasil: arquivos, fontes e possibilidades de análise**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

MAUAD, A. M. **Através da imagem: Fotografia e História interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

PEDRO, J. M. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução de Dora Rocha Flaksman: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar - A Utopia da Cidade Disciplinar.** 1880/1930 - RJ - Paz e Terra - 1985.

SCAVONE, L. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

ZIRBEL, I. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate.** Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia Política) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.